



Junio 2019 - ISSN: 2254-7630

A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS TECNOLÓGICOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

Cintia Tomacheski Bordignon¹

Universidade Estadual do Oeste do Oeste do Paraná.
cintiabordignon@yahoo.com.br

Malgarete T. Acunha Linhares²

Universidade Estadual do Oeste do Oeste do Paraná.
malgaacunha@hotmail.com

Denise Rosana da Silva Moraes³

Universidade Estadual do Oeste do Oeste do Paraná.
denisepedagoga@gmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Cintia Tomacheski Bordignon, Malgarete T. Acunha Linhares y Denise Rosana da Silva Moraes (2019): "A importância dos elementos tecnológicos na prática pedagógica da EJA (educação de jovens e adultos)", *Revista Caribeña de Ciencias Sociales* (junio 2019). En línea

<https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/06/elementos-tecnologicos-eja.html>

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar algumas estratégias pedagógicas com a utilização de recursos tecnológicos adotadas em turmas de Educação de Jovens e Adultos-EJA do Ensino Fundamental Fase II, do CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra, em Foz do Iguaçu (PR). O uso do celular em sala de aula foi a alavanca para redimensionar as ações. Por meio do aparelho, buscou-se estabelecer interação e contato via aplicativo *WhatsApp*, por intermédio do grupo da turma, com a finalidade de promover interação e difundir as informações. No desenvolvimento das ações, tomou-se como base teórica os fundamentos de diversos estudiosos, tais como Paulo Freire (1987), Gadotti e Romão (2011), Pretto (2013a, 2013b), Moraes (2016), entre outros. Foram desenvolvidas ações pedagógicas que usaram diretamente os recursos tecnológicos em práticas efetivas em sala de aula, promovendo a pesquisa, a interação e a inserção dos alunos da EJA nos ambientes virtuais.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Prática pedagógica. Educação de Jovens e Adultos

LA IMPORTANCIA DE LOS ELEMENTOS TECNOLÓGICOS EN LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA DE LA EJA (EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS)

RESUMEN: El objetivo de este artículo es demostrar algunas estrategias pedagógicas con la utilización de recursos tecnológicos adoptados en las clases de Educación de Jóvenes y

¹ Professora. Mestranda do PPG em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE – *campus* Foz do Iguaçu).

² Defensora pública. Mestranda do PPG em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE – *campus* Foz do Iguaçu).

³ Professora. Doutora em Educação e membro do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE – *campus* de Foz do Iguaçu).

Adultos-EJA de la Enseñanza Fundamental Fase II, del CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra, en Foz do Iguaçu (PR). El uso del celular en el aula fue la palanca para actualizar las acciones. Por medio del aparato, se buscó establecer interacción y contacto vía aplicación WhatsApp, por intermedio del grupo de la clase, con la finalidad de promover interacción y difundir las informaciones. En el desarrollo de las acciones, se tomó como base teórica los fundamentos de diversos estudiosos, como Paulo Freire (1987), Gadotti y Romão (2011), Pretto (2013a, 2013b), Moraes (2016) entre otros. Se desarrollaron acciones pedagógicas que usaron directamente los recursos tecnológicos en prácticas efectivas en el aula, promoviendo la investigación, la interacción y la inserción de los alumnos de la EJA en los ambientes virtuales.

Palabras clave: Nuevas tecnologías. Práctica pedagógica. Educación de Jóvenes y Adultos

THE IMPORTANCE OF TECHNOLOGICAL RESOURCES IN EJA'S (YOUTH AND ADULTS EDUCATION) PEDAGOGICAL PRACTICES

ABSTRACT: This article aims to demonstrate some pedagogical strategies by using technological resources on middle school classes of youth and adults education – EJA, from CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra, situated in Foz do Iguaçu (PR). The use of cell phones in classrooms was the main trigger to bring a new dimension to the actions. Through this device, we tried to establish interaction and contact by WhatsApp, intermediated by a classroom group, with the purpose of promoting interaction and spreading information. When developing these actions, based on many researches fundamentals as its theoretical basis, in an interdisciplinary perspective, in the light of Cultural Studies, like Paulo Freire (1987), Gadotti e Romão (2011), Pretto (2013a, 2013b), Moraes (2016), Brant (2008), among others. Pedagogical actions that use technological resources directly were developed on effective practices in classrooms, promoting research, interaction and an EJA student's virtual environment inclusion.

Keywords: New technologies. Pedagogical strategies. Youth and adults education.

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos vencem o tempo e a modernidade pois, a cada instante, se está à margem de inovações. Isso impulsiona o crescimento e o desenvolvimento em muitas áreas, incluindo a área da educação. No que diz respeito à realidade brasileira, porém, a inserção dos elementos tecnológicos ainda não é realidade em todas as escolas, sobretudo as públicas. Mesmo assim, muitas têm se colocado à frente, usando práticas pedagógicas que se valem dos recursos tecnológicos para tornar mais interessante e dinâmica o processo de ensino e de aprendizagem.

Em se tratando da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o uso dos recursos tecnológicos é uma realidade ainda mais problemática. De um lado, essa modalidade de ensino sofre tensões para que se traduzam as aulas no sistema *online*, a distância. Contudo, ainda há grande resistência por parte dos educadores e apoiadores da causa para que as aulas continuem presenciais. Assim, oportunizando aos indivíduos qualidade na aprendizagem.

A partir de observações em sala de aula, como professora de EJA, percebemos que a grande maioria dos alunos possuía aparelhos de celular e demonstrava habilidade ao operar tal equipamento, não demonstrando dificuldades na compreensão dos ícones e aplicativos dispostos na interface⁴ da tela do aparelho. Esse aspecto chamou a atenção para a possibilidade de usar os elementos tecnológicos para dinamizar as aulas e experimentar estratégias de aprendizagem que convergissem com o cotidiano dos alunos.

É preciso oportunizar aos alunos da EJA novos desafios frente ao seu tempo, colocando-os em situação de sujeitos de fato de suas ações, como “seres que caminham para frente”, como expressa Paulo Freire (1987, p. 42):

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária [...]. Daí que se identifique com ele como seres mais além de si mesmos – como “projetos” – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro.

Desta forma, assim como nas colocações de Paulo Freire, que se empenhou no ensino dos menos favorecidos, dos oprimidos, com notável dedicação à educação de adultos, buscou-se adotar uma nova forma de abordagem nas aulas da EJA. Nela, passou-se a ver a relação aluno-professor de forma mais amistosa, em que ambos aprendem juntos, indicando a educação como saída e superação da opressão, partindo de questões problematizadoras para criar soluções.

Conforme essa perspectiva educacional, tendo o aluno como sujeito de seus atos, autônomo e capaz de superar os desafios rumo a novos caminhos, se propôs esse projeto de introdução de novas tecnologias como estratégias em sala de aula, para contribuir com a prática metodológica na EJA. Para isso, o CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra passou a disponibilizar a internet banda larga aos alunos, o que auxiliou na aplicabilidade de estratégias usando a *web*. Dessa forma, foi possível aplicar diversos recursos possíveis, como o uso de dicionário *online* e formação de grupos de *WhatsApp*, para comunicação entre os pares da turma; o acesso *sites* de domínio público e a realização de pesquisas usando o celular como recurso imediato.

Dentro dessa perspectiva, este artigo apresenta, em sua primeira parte, um apanhado de alguns pesquisadores acerca do uso das novas tecnologias nas práticas pedagógicas. Na sequência, explora experiências concretizadas por meio do celular, a fim de contribuir nas atividades pedagógicas em turmas de EJA do Ensino Fundamental II. Por fim, apresenta os resultados da aplicação desses recursos.

⁴ Interface: nome dado para o modo como ocorre a “comunicação” entre duas partes distintas e que não podem se conectar diretamente. Um *software* ou sistema operacional, por exemplo, pode ser controlado através de uma pessoa usando computador. A interface entre o *software* e o usuário é a tela de comandos apresentada por este programa, ou seja, a interface gráfica do *software*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/interface/>. Acesso em: 7 abr. 2019.

2 A NATUREZA DA ESCOLA E DAS NOVAS TECNOLOGIAS

É a partir da natureza da escola que a humanidade concebe as novas tecnologias. Contudo, nem sempre essas tecnologias criadas em laboratórios voltam ao ambiente escolar para fomentar e desenvolver as matrizes do conhecimento, gerando, assim, uma lacuna na aprendizagem. Ou seja, a escola é a instância que requer receber o retorno da Ciência e das novas tecnologias. É da natureza da escola difundir o conhecimento e produzi-lo, porém, nem sempre estes avanços são utilizados para desenvolver a própria escola.

Os conteúdos trabalhados na EJA, como em escolas regulares, devem se relacionar ao cotidiano dos alunos, para estabelecer sentido ao que esses fazem e vivenciam. Ao abordar os recursos tecnológicos na prática pedagógica na EJA, é importante destacar o conceito de educação de adultos em Gadotti e Romão (2011, p. 21):

[...] uma das exigências tem a ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas nos procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade.

Sendo assim, uma vez que os alunos já dispõem de aparelhos celulares e interagem com os seus familiares via aplicativo *WhatsApp*, foi possível propor estratégias para redimensionar a prática pedagógica, que por vezes fica muito centrada no quadro e nos livros. Contudo, é importante ressaltar que nem todas as escolas da rede pública possuem internet banda larga, nem computadores adequados; por outro lado, é também uma questão de os profissionais exigirem melhoria no espaço escolar, saírem da condição confortável e buscarem novos encaminhamentos, objetivando também a permanência desses alunos na escola.

Se não houver certa exigência, cobranças e outras formas de reivindicação, os professores contribuirão para que as novas tecnologias demorem a ser inseridas no meio escolar. Para que a inserção aconteça, é necessário empenho dos educadores, para que as instituições de ensino andem juntas dos avanços tecnológicos. Não dá mais para a educação pública andar na contramão do viés tecnológico. Os elementos mais usuais de uma aula, quadro-negro, aparelho multimídia, livros, painéis, televisões, etc., também são essenciais. No entanto, é necessário introduzir outras formas e estratégias de ensinar e aprender. As políticas públicas para a educação precisam ser repensadas e conectar a escola às novas tecnologias, oportunizando também ao professor se aperfeiçoar e ampliar sua prática pedagógica, desmistificando os mitos de impotência diante das tecnologias.

Acerca disso, Pretto (2013a, p. 59) salienta que:

O ponto nevrálgico, penso eu, está centrado sempre e sempre na mesma questão: as políticas públicas consideram que a educação é sempre aula, aula com professor na frente ditando o rumo! Com essa concepção de educação, mesmo que de forma subjacente e não explicitada nos discursos, chegamos à grande questão e ao maior desafio quando pensamos em cultura digital: de que adianta termos *notebooks*, computadores, câmeras e *tablets* se o que se espera da escola, em última instância, é que tudo se resuma a um professor dando aulas?

É importante que a escola deixe se levar pela cultura digital e que o professor projete novos rumos para as práticas de docência. Assim, é relevante que os educadores façam uso de elementos tecnológicos, que conectem a escola ao cenário atual, observando também a velocidade com que as informações são lançadas e exploradas pelos indivíduos. E não pensar na escola como um território isolado e predominantemente estático a um ambiente só, o físico. É necessário alargar os muros de acesso instantâneo ao conhecimento que propicia à produção.

Sobre isso, Moraes (2016, p. 60) destaca que:

[...] o desafio da educação atual é incentivar o uso das tecnologias sem, contudo, permitir que o conhecimento se torne vazio, fragmentado e supérfluo. Esse incentivo viria de uma formação que instrumentaliza tecnicamente e proporciona o pensamento crítico acerca do mundo e do contexto educacional, com vistas à sua

repercussão na escola e na sala de aula. Os descompassos, problematizados nas pesquisas em educação sobre o uso das mídias, têm gerado tensões, dificultando uma visão mais ampla sobre o novo campo, uma vez que os/as professores/as, distanciados/as das observações e pesquisas elaboradas por seus pares nessa área de conhecimento, que integra educação e comunicação, têm tido dificuldade em estabelecer uma ideia própria e crítica acerca desse tema.

O uso das mídias, como expõe a autora, tem gerado tensões, impedindo que se observe com mais detalhes os benefícios dessa aliança com as tecnologias. Contudo, isso só afasta os educadores de observar e aplicar os resultados de pesquisas que propõem novas estratégias, que são despojadas e rompem com a ideia do proibido e antididático. Com o intuito de se aproximar de práticas mais flexíveis e dinâmicas para a aprendizagem, apresentaremos experiências pedagógicas que possibilitaram novas estratégias de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

3 EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS: OS ELEMENTOS TECNOLÓGICOS E A APRENDIZAGEM NA EJA

Os desafios contemporâneos levam as pessoas a buscar o aprimoramento, a aproximação do conhecimento por vias mais rápidas e canais de acesso que proporcionem informação e aprendizagem. É comum vermos pessoas aprendendo a desenvolver funções e a produzir após assistir a videoaulas. Isso não significa que a escola tenha perdido a sua função maior, que é ensinar, mas nos alerta para os tempos frenéticos em que vivenciamos.

Essas são práticas que rompem com as barreiras espaço-temporais, pois é possível o acesso à informação sem sair do espaço físico. É possível encontrar inúmeros espaços de interação entre os usuários, como destacam Souza, Araújo e Paula:

As mídias sociais são espaços de interação entre usuários. São considerados exemplos de mídias sociais: *blogs*, redes sociais (*Facebook* e *LinkedIn*), *messengers*, *wikis*, *sites* de compartilhamento de conteúdo de multimídia (*YouTube*, *Flickr*) e *WhatsApp Messenger*. Nestes canais, as pessoas podem dialogar e compartilhar informação. O conteúdo de uma mídia social tende sempre ao infinito, uma vez que qualquer membro pode contribuir a qualquer momento (p. 140, 2015).

O conteúdo veiculado nesses canais tende a dialogar e a compartilhar informações, com inserções a qualquer tempo. Isso é possível pelo infinito de informações dispostas no ciberespaço, um espaço de comunicação, como define Lévy:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século (LÉVY, 1999, p. 92-93).

O ciberespaço como território livre para que os sujeitos se apropriem de diferentes práticas. A escola não pode se furtar de abrir espaço para o que é muito emergente: a inserção dos recursos tecnológicos no âmbito da aprendizagem. A prática pedagógica deve, sem perder sua essência, envolver as novas tecnologias no cotidiano escolar, tornando isso como artefato cultural; ou seja, um elemento capaz de desenvolver aprendizagens e fazer parte da cultura de determinado grupo. A escola, obviamente, é um espaço de aprendizagem, entretanto, sobre o uso das tecnologias em sala de aula Brant adverte que,

Para uma geração da juventude forjada nessas referências, ser submetida a um olhar simplista sobre as mídias e sobre as

tecnologias é a revelação de uma fraqueza que contribui para a negação cada vez maior da escola como espaço de aprendizagem que possa ir além da formalidade (BRANT, 2008, p. 73).

Tendo este pensamento como premissa, escolhemos uma turma de EJA–Ensino Fundamental Fase II para introduzir ações com o uso dos recursos tecnológicos advindos do aparelho de celular. Sendo a escola o espaço de aprendizagem e fomentação do conhecimento, ousamos propor outras estratégias de ensino e de aprendizagem. No entanto, antes de passar à descrição das atividades, é necessário destacar que os alunos participantes dessa experiência descrevem a heterogeneidade da EJA e mais especificamente a realidade de Foz do Iguaçu, sendo muito peculiar a situação da identidade e culturalidade de cada um. Ressalta-se que o CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra está em uma das tríplices fronteiras do Brasil, esta particularmente com grande número de estrangeiros, refugiados, deslocados e outros. Abaixo, apresenta-se uma tabela com os participantes, identificados por letras, em ordem alfabética, contendo faixa etária, sexo, ocupação e nacionalidade, possibilitando uma melhor compreensão e percepção de quem são os educandos e suas especificidades.

Tabela 1 – Características dos alunos participantes

ALUNOS PARTICIPANTES	IDADE	SEXO	OCUPAÇÃO / NACIONALIDADE	SÉRIE CONCLUÍDA
Aluno - A	25 anos	feminino	repcionista	7º ano
Aluno - B	27 anos	feminino	massoterapeuta	6º ano
Aluno - C	59 anos	feminino	aposentada e confeitadeira	6º ano
Aluno - D	55 anos	feminino	dona de casa	6º ano
Aluno - E	56 anos	masculino	assegurado/INSS	6º ano
Aluno - F	44 anos	feminino	costureira/paraguaia	5º ano
Aluno - G	38 anos	masculino	garçom	7º ano
Aluno - H	45anos	masculino	trabalhador do turismo	5º ano
Aluno - I	28 anos	masculino	trabalhador em hotel	5º ano (DI) ⁵
Aluno - J	15 anos	masculino	em semiliberdade	7º ano
Aluno - K	55 anos	feminino	assegurada/INSS	6º ano
Aluno - L	18 anos	masculino	estudante	6º ano (DI) ⁶
Aluno - M	20 anos	masculino	turismo/argentino	7º ano
Aluno - N	50 anos	feminino	diarista	6º ano
Aluno - O	37 anos	feminino	autônoma/árabe	7º ano
Aluno - P	17 anos	masculino	semiliberdade/paraguaio	5º ano
Aluno - Q	18 anos	masculino	semiliberdade/paraguaio	6º ano
Aluno - R	26 anos	feminino	manicure	7º ano

⁵ DI: Deficiência Intelectual

⁶ DI: Deficiência Intelectual leve

Aluno - S	46 anos	masculino	atendente/farmácia	7º ano
Aluno-T	19 anos	masculino	trabalhador do turismo	7º ano
Aluno- U	26 anos	masculino	estudante	6º ano ⁷
Aluno -V	62 anos	feminino	cabeleireira	6º ano

Fonte: Autora (2019)

Os alunos da turma escolhida somaram vinte dois participantes, sendo que três são atendidos pela Sala de Recurso (SRM)⁸ do CEEBJA Prof. Orides Balotin Guerra. Em conversas informais com os estudantes, a maioria relatou não ter experiências em atividades pedagógicas com o uso dos elementos tecnológicos, sendo que já usam com propriedade o aparelho de celular nas funções e tarefas do cotidiano. Após algumas sessões de diálogos e rodas de conversas, os sujeitos se ambientaram e expuseram as dificuldades e os anseios em vencer os desafios, em usar as linguagens midiáticas e em desenvolver práticas pedagógicas frente aos aparatos tecnológicos.

Esse diálogo inicial teve como fim ambientar os alunos e fazer com que se tornassem protagonistas de seu aprendizado. Como afirma Rojo, os sujeitos precisam ter autonomia para aprender:

Vivemos em um mundo em que se espera (empregadores, professores, cidadãos, dirigentes) que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com urbanidade (ROJO, 2011, p. 27).

Como Rojo destaca, o que se espera é que os indivíduos tenham autonomia para aprender com flexibilidade; isso implica também o professor ser um mediador autônomo. Com base nessa postura mediadora é que pensamos e iniciamos a prática com outro olhar sobre o uso celular. E assim, diante do perfil dos participantes, foi possível incentivar a inserção dos alunos aos meios tecnológicos, uma vez que a turma envolvida demonstrava interesse em relação ao objetivo do projeto.

3.1 Compartilhando informações e aprendizagens: uso do aplicativo *WhatsApp* em sala de aula

Uma das primeiras experiências das quais os alunos participaram foi a criação de um grupo no aplicativo *WhatsApp*. O objetivo do grupo foi facilitar a interação dos participantes, dentro e fora do espaço escolar, e compartilhar informações acerca das atividades da turma.

O aplicativo *WhatsApp* contribuiu para a difusão das informações e na elucidação de dúvidas, tanto corriqueiras quanto complexas. Um aspecto importantíssimo do aplicativo consiste na efemeridade das mensagens, pois essas são instantâneas e podem ser apagadas rapidamente, sem carregar o aparelho com arquivos e imagens. Outro importante recurso de envio das mensagens são os *emoticons*⁹ e *emojis*¹⁰ que possuem significados distintos e conferem expressividades aos textos. A inserção desses ícones e imagens alegam o texto e dinamizam as condições de entendimento.

[...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos,

⁷ O aluno tem grau elevado de esquizofrenia

⁸ Sala de Recursos Multifuncionais-SRM/ SEED-PR: é uma oferta de natureza pedagógica que contempla a escolarização no ensino comum na rede pública estadual de ensino para estudantes com deficiência intelectual, física neuromotora, transtornos globais do desenvolvimento e transtornos funcionais específicos.

Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao072016sued.pdf>> Acesso em: 21 de abr. 2019.

⁹ *Emoticons*: substantivo masculino [Informática]. Representação das emoções (expressão facial) pela junção de ícones ou de caracteres que estão disponíveis no teclado de um computador, muito usada em bate-papos e mensagens em redes sociais. É uma forma de comunicação paralingüística. Palavra derivada da junção dos termos em inglês *emotion* + *icon*. Trata-se de uma sequência de caracteres tipográficos. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/emoticon/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

¹⁰ *Emojis*: é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>> Acesso em: 19 abr. 2019.

imagens e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornam-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força dos suportes fixos lhes prestava. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que contemplam com a luz (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Em conformidade com as colocações de Santaella, os textos, imagens, sons se modificaram, perderam a estabilidade nos suportes fixos, uma notícia, por exemplo, é possível de ser lida e ouvida em diferentes acessos, suportes dinâmicos. Concomitante, também as relações pessoais são estabelecidas por meio das novas tecnologias. Para Thompson (2009, p. 119), a partir dos novos meios de comunicação, há possibilidade de interação “cuja relações sociais básicas aparecem intactas”. Dessa maneira, o autor se refere às relações que necessitam de um impacto, ou de outra dinâmica para exercer o papel de interação. Assim, o espaço de interação e comunicação torna-se agradável e tranquilo aos participantes.

Como representação de interação dentro e fora do espaço escolar está a interface do grupo de *WhatsApp* da turma. As *interfaces* aqui representadas se referem a todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário (PIERRE LÉVY, 1999, p. 39). Assim, as primeiras mensagens veiculadas são cumprimentos e saudações elaborados de forma simples e informal. A Figura 1 representa a interação na interface:



Fonte: Autora (2019)

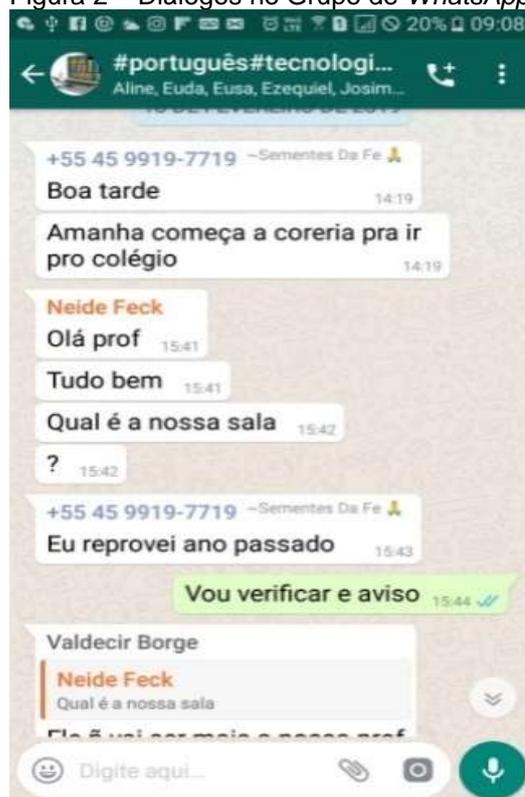
O contato com os alunos por meio do grupo de *WhatsApp* abriu espaço para o professor deixar os recados e informações sobre as aulas, as pesquisas, matérias interessantes disponíveis na internet e possibilitou explorar outros recursos que advêm dessa

nova tecnologia. Este diálogo entre usuários constitui blocos colaborativos de opinião e trocas de informação (SOUZA; ARAÚJO; PAULA, 2015).

Da mesma maneira como corre a tela líquida dos aparelhos de celulares, as informações circulam nos grupos e redes *online*: “Textos, imagens e som [...] deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se”. Assim ocorre, como poeticamente descreve Santaella (2007), o uso das novas tecnologias, que tão rapidamente influenciam nas ações do cotidiano. Esses meios perderam a condição de suporte fixo, criaram mobilidade e liquidez, fluem em todas as esferas sociais.

Um exemplo de como se dá esse uso é visto na Figura 2, que mostra o início de um diálogo entre os colegas e a professora sobre um assunto pertinente e de interesse coletivo da turma. No caso, o número da sala.

Figura 2 – Diálogos no Grupo de *WhatsApp*



Fonte: Autora (2019)

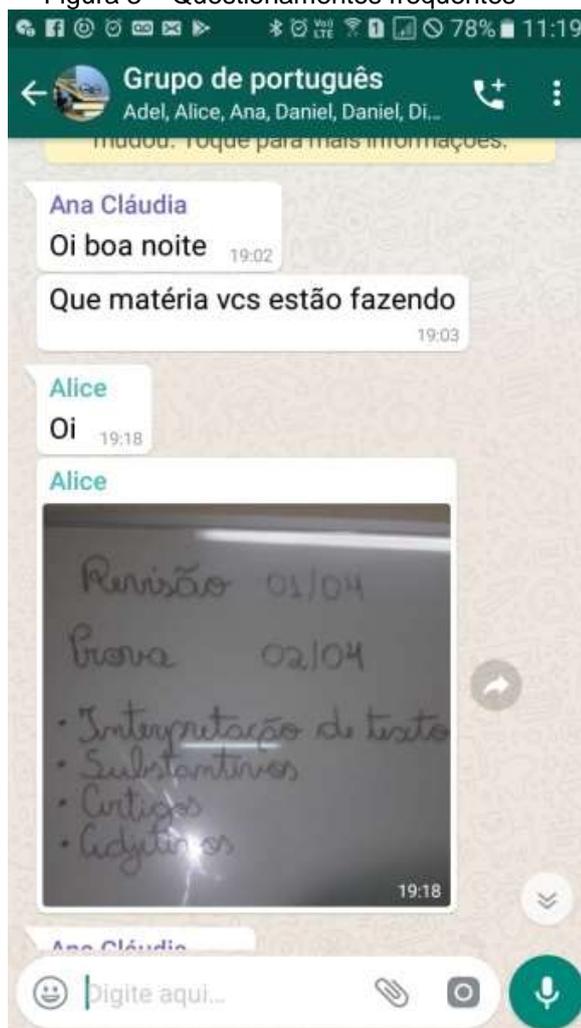
O uso do aplicativo rompe com as barreiras do espaço e do tempo, abrindo possibilidades para os conteúdos serem vistos sem limitações de local e de horários. Essa tranquilidade ao receber as mensagens facilita a interação dos alunos. Isso em razão de muitos deles não conseguirem se comunicar com os demais integrantes da turma, devido a fatores diversos, como a timidez, por exemplo. A possibilidade de produzir conteúdo – antes limitada – também se multiplicou e está nas mãos de milhões de cidadãos (e dos alunos) por meio de várias plataformas. Este fenômeno acontece a todo o momento (PRIMO, 2013).

Essas estratégias de usos das mídias digitais e seus aparatos mostram que a tecnologia digital ganha um novo espaço na prática pedagógica, como salienta Fraug-Meigs (2014, p. 65),

O lugar da tecnologia ganha um novo rumo com a chegada da internet e web 2.0 porque coloca em primeiro plano uma ruptura epistemológica com o que havia antes, pois se trata de uma tecnologia que é também um *logos*, um modo de discorrer tão radicalmente diferente quanto a chegada do papel em relação à escrita-leitura anterior a este meio.

O enfrentamento das novas tecnologias em sala de aula passa por essa ruptura epistemológica a qual a autora menciona; pois se para alguns educadores a prática se enriquece com os aparatos tecnológicos, para outros o uso é sinônimo de perda de tempo. São os velhos paradigmas que sobrepõem as mudanças. Essas posturas dificultam a dinamização de práticas que poderiam levar jovens, adultos e idosos a se interessar mais pela escola. Na Figura 3, apresenta-se uma situação informal, uma amostra da interação dos alunos em relação aos conteúdos. Para auxiliar no andamento das atividades, os colegas se encarregam de fotografar as lições do quadro. Mantendo, assim, atualizados os que não puderam comparecer às aulas.

Figura 3 – Questionamentos frequentes



Fonte: Autora (2019)

A sociedade moderna, baseada na informação e na produção de conhecimento, em que a tecnologia desempenha um papel relevante e educacional, exige dos cidadãos o aprimoramento e adaptação aos novos artefatos e elementos tecnológicos.

Como se nota, aprender em rede na escola já é uma realidade. O que falta são os professores perceberem que de alguma forma isso já acontece e se apropriarem disso: o que falta é aproximar essa realidade às práticas pedagógicas.

Com o ritmo das inovações, há diferentes espaços e momentos de aprender. As salas de aula têm diferentes representações que ultrapassam os muros e paredes, proporcionando aprendizados variados. Contudo, há muito que trilhar acerca das estruturas das escolas públicas em relação às mudanças. A base está na formação dos docentes, ponto fundamental para fomentar novos desafios.

Acerca dessa mudança, Pretto (2013b, p. 140) observa que,

[...]a passagem do velho modelo de escola para uma nova escola, com futuro, torna-se necessário observar atentamente alguns aspectos da atual estrutura educacional. Um desses aspectos, certamente, é promover uma revisão urgente na formação dos professores no papel das universidades públicas nessa área.

A formação dos docentes é um dos aspectos que precisam ser revistos e aprimorados. Os tempos exigem um professor mediador e observador das transformações, acima de tudo, sem perder a criticidade e seu papel fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem. O fato é que a escola deve encontrar o equilíbrio entre trabalhar pedagogicamente com as tecnologias móveis, quando está acostumada a lidar com os aparatos tecnológicos fixos. As novas tecnologias conectadas às redes trazem tensões e ao mesmo tempo possibilidades de mudanças. O enfrentamento aos desafios cotidianos será uma constante na rotina dos espaços escolares.

A chegada das tecnologias móveis à sala de aula traz tensões, novas possibilidades e grandes desafios. As próprias palavras “tecnologias móveis” mostram a contradição de utilizá-las em um espaço fixo como a sala de aula: elas são feitas para movimentar-se, para levá-las para qualquer lugar, utilizá-las a qualquer hora e de muitas formas (MORAN, 2013, p.1)

O movimento em que as tecnologias móveis produzem também, de certa forma, leva ao desenvolvimento das pesquisas e facilitam o acesso às informações. As instituições escolares que realizam experiências pedagógicas com as novas tecnologias possibilitam novos caminhos aos alunos, contribuindo na formação de um cidadão mais autônomo e crítico. Ainda em relação ao uso do celular como aparato tecnológico, é relevante demonstrar outra ação desenvolvida com os alunos da EJA: a leitura de texto e a busca por vocábulos nos aplicativos de dicionários *online*.

3.2 Dicionário *online* – conexão com a pesquisa

Em outros tempos, os recursos pedagógicos eram limitados, quadro negro e livro eram os suportes essenciais. Hoje, estes ainda continuam presentes em sala, mas há melhorias e aperfeiçoamento. Atualmente, os professores contam com outros suportes para incrementar a prática pedagógica. Assim como aconteceu com o livro no passado, outras tecnologias foram incorporadas ao cotidiano das pessoas ao longo da história. Recentemente, este é o caso do celular.

Voltando ao trabalho desenvolvido na EJA, é importante destacar que a reflexão sugerida nas atividades desenvolvidas pelos alunos não se limitou ao aparelho, mas à forma como usá-lo, com suas múltiplas funções, que podem ser úteis para interagir e produzir conhecimento – além, claro, de ser uma nova forma de se comunicar com o mundo.

Na Figura 4, apresenta-se o material trabalhado em sala de aula com a ajuda do aparelho de celular; o “Conto de mistério”, de Stanislaw Ponte Preta, uma narrativa que, como o nome indica, envolve mistério e um leve suspense.

O conto foi apresentado aos alunos por meio de um *link*, enviado ao grupo, para que acessassem e lessem em horários e espaços diferenciados aos da escola – cada um gerenciaria e organizaria seu tempo, uma vez que poderiam baixar o arquivo e ler no aparelho. Depois, em sala de aula, o professor mediou as ações, promovendo discussões acerca do conteúdo histórico da narrativa. Também foram abordadas questões relacionadas à configuração do gênero discursivo, quanto ao léxico e se desenvolveram atividades de interpretação. Em seguida, o professor sugeriu que destacassem do conto palavras desconhecidas. Logo após, disponibilizou-se dicionários impressos e foram sugeridos alguns aplicativos de dicionários *online* para desenvolverem a pesquisa.

Figura 4 – Imagem do Conto de Mistério Stanislaw Ponte Preta¹¹



Fonte: Moderna (1986, p. 65)

A leitura do conto foi sugerida de diversas maneiras e suportes; contudo, grande parte da turma optou por ler por meio do celular, sob alegações de economia de tempo e de dinheiro, sem desperdiçar papéis. Alguns alunos da EJA possuem déficit de leitura, de produção e de interpretação de textos. Assim, proporcionar uma leitura por intermédio de um recurso que está disponível em suas mãos e sem custo é um incentivo.

As expectativas dos alunos em experimentar tal atividade se tornaram reais, pois muitos não acreditavam em seu potencial e nem sabiam como pesquisar os vocábulos. Porém, contaram com o auxílio do professor e de colegas para baixar os aplicativos e efetuar as buscas. Na Tabela 2, estão listadas as palavras escolhidas por eles para serem pesquisadas. Por meio dessa atividade, foi possível a eles conhecer os conceitos trazidos pelo dicionário, ter contato com significados próximos ao contexto do conto e também aprender aspectos referentes à etimologia dos vocábulos.

Tabela 2 – Vocábulos para a pesquisa

Vocábulos	Significados/Conceitos/Etimologia
cautelosamente	
cava	
beco	
sepulcral	
triunfal	
tocaia	
guisa	
baforadas	
compassadas	
banda	
hesitou	
acenou	
Estipulado	

¹¹ Stanislaw Ponte Preta: pseudônimo de Sergio Porto, escritor brasileiro.

Fonte: autora (2019)

Durante a atividade, os significados das palavras surgiam com rapidez nas telas de celular, causando satisfação, expressada nas faces curiosas dos alunos jovens e adultos. A busca por verbetes em um dicionário *online* é uma ação fácil para quem já é um internauta, ou para usuários mais assíduos. No entanto, para alguns, com determinadas especificidades, não é uma tarefa tão simples: demanda aprendizado, a colaboração dos colegas de turma e a mediação do professor. Fofonca *et al* (2018, p. 40) corroboram essa análise:

O aperfeiçoamento e a expansão do uso das tecnologias digitais e midiáticas enquanto característica da interdisciplinaridade pedagógica constitui-se como um grande desafio a ser contornado nos processos de ensino e aprendizagem das linguagens na instituição escolar contemporânea [...].

As tecnologias digitais já são acessíveis para muitos alunos, mas seu uso é uma barreira ainda a ser superada no que tange aos processos de ensino e aprendizagem, como reiteram os autores do excerto, enquanto característica da interdisciplinaridade pedagógica. Os dicionários *online*, por exemplo, estão disponíveis em diversos ambientes virtuais e plataformas educacionais. Contudo, o professor de EJA exerce papel fundamental na mediação dessa atividade, orientando e certificando-se de que as informações e conteúdos são legítimos. A Figura 5 demonstra a interface de alguns vocábulos pesquisados.

Imagem 5 – Pesquisa no dicionário *online*



Fonte: Dicio (dicionário *online* de língua portuguesa)¹²

A pesquisa desenvolvida por meio de aplicativos se tornou interessante para os adultos, pois alguns possuem dificuldades na visão. Assim, ao buscarem as palavras no aplicativo, houve a possibilidade de aumentar o tamanho da tela acionando o *zoom*, facilitando a leitura. Essas constatações vão ao encontro das inferências de Preto e Costa Pinto (2006, p. 21), que apontam que o ciberespaço tem proporcionado a utilização de métodos e estratégias de operação na internet:

Os movimentos associados ao que está sendo denominado de ciberespaço têm trazido para a cena contemporânea algumas novas possibilidades de utilização de métodos, estruturas e estratégias de operação na internet, à luz das ferramentas disponíveis para o desenvolvimento de aplicações para a rede.

Com a chegada da internet e *web 2.0*, se redimensionou o universo de informações e de pesquisa, tornando-o imensurável. Assim, para o docente é importante transitar nesse campo cibernético de informações e proporcionar ao educando também a inserção nesse contexto midiático, explorando as formas de pesquisas, linguagens, ícones, aplicativos e outros recursos. Por meio desse processo criativo, adentro do universo do ciberespaço, o ser humano se apropria de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, em busca de respostas para as problemáticas do cotidiano, no intuito de superar e vencer os obstáculos.

A respeito dessas observações, Lima Júnior (2005, p. 15) faz a seguinte menção:

Neste processo, o ser humano transforma a realidade da qual participa e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo, descobre formas de atuação e produz conhecimento sobre elas, inventam meios e produz conhecimento sobre tal processo, no qual está implicado.

No desenvolvimento de atividades direcionadas às práticas pedagógicas com o uso dos recursos tecnológicos, fica evidente o interesse dos alunos pelo “novo”, por romper com as barreiras da dependência, de romper com a necessidade de sempre precisar de alguém para realizar funções simples, que podem levar às aprendizagens. O cuidado em que o educador deve ter é no sentido de não neutralizar a produção e o desenvolvimento do conhecimento, desmobilizando os alunos para novas aprendizagens. O teórico a seguir tece reflexões acerca disso:

É um conjunto de intensões, gestos, palavras, ações que são traduzidos pelos alunos como positivos ou negativos, que facilitam a interação, o desejo de participar de um processo grupal de aprendizagem, de uma aventura pedagógica (desejo de aprender), ou pelo contrário, levantam barreiras, desconfianças, que desmobilizam (MORAN, 2013, p. 4).

Um dos aspectos cruciais nesse trabalho pedagógico imbuído de novas tecnologias foi a tentativa coletiva, professor e alunos, de manter o desejo de aprender e de vencer obstáculos, com o engajamento dos participantes em estabelecer ajuda ao outro. As ações envolvendo as mídias digitais despertaram e incentivaram outras potencialidades dos alunos, como realizar pesquisas e interação *online*, com os mesmos propósitos do grupo, ensino e aprendizagem, concentrando-se também no desenvolvimento pessoal, pois vencer o desafio de usar as tecnologias na vida cotidiana e em sala de aula é também desenvolver a autonomia.

¹² Dicionário *online* de Língua Portuguesa Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=baforadas>>
Acesso em: 21 de abr.2019

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A entrada das novas tecnologias e a facilidade de acesso a elas provocaram nos alunos curiosidade e inquietude. Relacionado a esse fenômeno, surgiu o desejo em aprender por outros meios.

Nas ações desenvolvidas em sala de aula da EJA mostradas neste estudo, observou-se a inquietação em relação a poder trabalhar com o aparelho de celular em sala de aula. Durante as atividades, muitos questionamentos foram levantados. Alguns deles questionavam até mesmo a legalidade do uso do recurso tecnológico em aula: “Isso vale nota, professora?”; “Vai cair na prova?”; “A direção do CEEBJA aprova o uso do celular?”, foram perguntas frequentes, entre outras.

Foram tantas indagações que a professora demandou horas conversando e explicando que o uso das novas tecnologias no ensino e aprendizagem é muito relevante e válido, desde que tenha objetivos claros, direcionados aos conteúdos determinados pelo Plano de Trabalho Docente (PTD) de cada professor, em conformidade com os DCEs¹³ de cada disciplina.

Brandão e Cavalcante (2015, p. 7) advertem que o uso das tecnologias deve estabelecer diálogo com o currículo. Sendo assim, não pode ser tratado à margem da proposta pedagógica das escolas.

Assim, realizadas as devidas rodas de conversa e exposta a importância de se trabalhar as novas tecnologias na aprendizagem, os alunos foram percebendo que tudo favorecia para o encaminhamento das aulas. Não convém optar por proibir ou não o uso do celular na escola, mas utilizá-lo de forma educativa. Sobre isso, Brandão e Cavalcante (2015, p. 7) destacam que,

O celular e os recursos disponíveis através da internet são de primordial utilidade no dia a dia de grande parte dos trabalhadores. Como desconsiderar o seu uso enquanto recurso pedagógico na escola? A utilização e os conflitos inerentes quanto ao seu uso não devem ser descartados, mas trabalhados junto aos alunos no sentido de levá-los a refletir sobre uma mudança de postura.

Na ação de criar o grupo de sala de aula e estabelecer comunicação por meio do aplicativo *WhastApp*, observou-se a neutralização da timidez, uma vez que muitos colegas nem cumprimentavam o restante da turma, ocasionando um desconforto entre os alunos. Com as interações via aplicativo, ficou evidente a necessidade de se comunicar, compartilhar conteúdos, informações e até de esclarecer as dúvidas, envolvendo desde questões rotineiras até a mais complexas dentro do contexto educacional.

Um dos aspectos curiosos observados no decorrer das conversas por mensagens *online* é que, mesmo depois das orientações do professor para não postarem no grupo conteúdos alheios à disciplina— como correntes de oração, cumprimentos, vídeos com conteúdo erótico, piadas e outros —, ainda havia alunos que tinham necessidade de cumprimentar a turma, como se fosse um costume ouvir ou ler “Bom dia!” ou “Boa noite”, assim demonstrando amistosidade no convívio com o outro, aspecto positivo em se tratando de EJA, uma vez em que a maioria necessita de incentivos contínuos para permanecer na escola.

As mensagens enviadas via aplicativo de *WhastApp* contribuíram para mostrar o lado irreverente, alegre, amigoso dos alunos, bem como serviram para expor a preocupação deles em relação ao andamento das aulas. Assim, o *WhatsApp* não deve ser usado de forma mecânica ou artificial pelos docentes, mas de maneira planejada, com objetivos educacionais e que proporcionem integração e interação entre os alunos, e entre este e os docentes (AMARO GOMES, 2017, p. 92). Esse recurso abriu frente para novos diálogos e grupos de estudos, pois aqueles que não conseguiram se interar dos conteúdos buscavam formar pequenos grupos, também pelo aplicativo, para estudarem juntos; ampliando, assim, a convivência e a interação e facilitando a comunicação e a aprendizagem.

Em relação às pesquisas usando aplicativos de dicionários *online*, as expectativas foram ultrapassadas, pois os alunos demonstraram um desenvolvimento excelente, levando em conta que alguns ficaram décadas fora de sala de aula. O que é importante ressaltar é a questão do espaço escolar ter também uma rede de internet mais potente para que todos e todas possam acessar os *sites* ao mesmo tempo.

¹³ DCEs: Diretrizes Curriculares Estaduais (PR).

Essa atividade trouxe curiosidade e instigou o desejo de aprender, pois pesquisar a etimologia e as acepções dos vocábulos levou os alunos a outros contextos e promoveu o entendimento do texto discursivo narrativo “Conto de Mistério”, de Stanislaw Ponte Preta. Sobre usar esses espaços virtuais para realizar atividades didáticas e envolventes, Kenski ressalta:

Com grau maior de complexidade nas formas sociais de interação e comunicação no ensino, nós podemos usar o espaço virtual para realizar atividades – didaticamente ativas e envolventes – construídas com a participação e a cooperação entre alunos e professores. Um ensino baseado em trocas e desafios. Que envolva e motive os alunos para a participação e a expressão de suas opiniões (KENSKI, 2008, p. 13).

O relevante nessas ações, além da projeção dos alunos nas linguagens midiáticas, foi observar a alegria e a satisfação ao desenvolver determinadas funções no celular. Dessa forma, ficou evidente que a autonomia prevaleceu, abrindo espaços para novas investidas, outros olhares sobre o uso do celular e do aplicativo em sala de aula com intuito pedagógico.

Embora o *WhatsApp* seja uma ferramenta de comunicação amplamente conhecida em todo o mundo, ainda tem sido pouco explorada em projetos educacionais (KAIESKI; GRINGS; FETTER, 2015, p. 8). Essa experiência fortaleceu a prática pedagógica na EJA, uma vez que há sempre que incentivar e manter os alunos dessa modalidade na escola. Portanto, foi um atrativo que culminou em aprendizagens: tanto para os alunos, quanto para a professora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio desse trabalho se constituiu em introduzir as novas tecnologias em favor do ensino e da aprendizagem numa turma de EJA, Ensino Fundamental Fase II, propondo o uso do aplicativo *WhastApp* e o dicionário *online* em práticas pedagógicas; atividade que resultou positivamente ao contribuir para desenvolver a autonomia e impulsionar os alunos à pesquisa.

O que se observou acerca dessa prática pedagógica é que quando não há compreensão de que as novas tecnologias não possuem um fim em si mesmas, mas que são elementos metodológicos para os docentes usarem em suas aulas, mediando situações desafiadoras de aprendizagem, o professor estará repetindo posturas arcaicas centradas somente nos livros e na sua figura central como detentor do conhecimento. Sendo assim, é fundamental reconhecer a urgência e a relevância de gerar mecanismos que possibilitem a interligação dos conteúdos às novas tecnologias.

Essa integração das novas tecnologias aos processos educacionais não deverá ocorrer sob os aspectos de instrumentalização, mas como artefatos culturais, capazes de serem usados em diversas situações educacionais, proporcionando autonomia e fins de aprendizagem. É fundamental também que se propiciem momentos de formação aos docentes, para que se apropriem também das novas tecnologias para o uso em sala de aula, como um aspecto da prática pedagógica cotidiana, sem frustrações e medos, refletindo sobre sua função e os desafios que as novas tecnologias trazem, diante de uma sociedade tecnológica.

O papel da escola é fundamental nesse processo de incorporação das novas tecnologias ao ensino e aprendizagem, pois esta deve incentivar e estimular o diálogo com o meio exterior e promover ações em que os alunos percebam e estabeleçam relações entre o que estudam e o mundo, refletindo criticamente sobre a sociedade em que estão inseridos.

As novas tecnologias já estão inseridas na vida cotidiana dos educandos via celular, por exemplo, o que dá abertura para as práticas pedagógicas extraírem o melhor desses aparatos, desenvolvendo ações de interatividade, auxiliando como estratégias para promover melhorias na aprendizagem. Na prática pedagógica, as novas tecnologias devem ser observadas como uma nova maneira de agir e pensar no contexto em que se vive, diante do desafio de aprender e ensinar.

A experiência aqui proposta aos alunos da EJA foi recebida com surpresa e entusiasmo, talvez até com breve deslumbre. Contudo, alguns demonstraram desconfiança em relação à legalidade das atividades. No desenvolvimento das ações acerca do uso do aplicativo de *WhastApp*, os participantes foram adquirindo mais confiança e perceberam qual era o objetivo educacional proposto por meio da interação nas postagens e diálogos estabelecidos na interface do aplicativo do grupo de sala de aula.

No espaço disponível para o diálogo no *WhastApp*, surgiram outras necessidades: além de obter informações, tirar dúvidas, foi possível observar que os participantes criaram grupos paralelos, para fortalecer os estudos, uns colaborando com os outros nas questões de conteúdo mais complexas. Também houve a aproximação de alguns estudantes estrangeiros, por meio de conversas com os colegas em mensagens privadas, o que demonstrou um ponto positivo àqueles que apresentam timidez e dificuldade em se relacionar coletivamente.

Ainda é relevante ressaltar que houve um duplo aprendizado: independentemente das questões interativas do grupo e de conteúdos, os alunos, sobretudo os mais velhos, aprenderam com os colegas como manusear o aplicativo *WhastApp*, sendo que há vários detalhes em que os estudantes mais jovens dominam as técnicas e puderam auxiliar.

Nas atividades relacionadas às pesquisas de vocábulos nos aplicativos de dicionário *online*, também a coletividade prevaleceu, pois as trocas de experiências e ensinamentos não estavam mais centradas na figura do professor. Os colegas com mais facilidade de interação com as linguagens midiáticas estabeleciam o papel de mediadores e monitores nesse processo. Os adultos demonstraram encantamento e entusiasmo ao conseguirem aprender a pesquisar e ao saber mais sobre os vocábulos, como a etimologia das palavras. Isso promoveu um aumento da autonomia de cada um, possibilitando uma maior segurança e conferindo legitimidade à ação pedagógica em que estavam envolvidos.

Ao longo da experiência descrita neste artigo, pôde-se perceber que é preciso ousar e usar as novas tecnologias como artefatos culturais, possibilitando que as práticas pedagógicas se incorporem no cotidiano das aulas, sem tornar estanques esses momentos de aprendizagem. E assim, fazer com que os desafios propostos pelo uso do celular em sala de aula e os diversos aplicativos disponíveis não sejam vistos como problemas de indisciplina, mas elementos tecnológicos acessíveis que contribuem com o ensino e a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMARO GOMES, V. (2017). *WhatsApp em sala de aula: comunicação docente e discente*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade de Santo Amaro, Santo Amaro. Disponível em: <<http://dspace.unisa.br/handle/123456789/144>>. Acesso em: 29/01/2019.

BRANT, J. (2008). O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição. In: PRETO, N. L e SILVEIRA, A. A. (Orgs.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador, EDUFBA.p.69-83.

BRANDÃO, P. A.; CAVALCANTE, I. F. (2015). Reflexões acerca do uso das novas tecnologias no processo de formação docente para a Educação Profissional. Anais do III Colóquio Nacional-Eixo Temático III – Formação de Professores para a Educação profissional. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/portal/wp-content/uploads/2016/02/Artigo-29.pdf> Acesso em: 11/04/2019.

FOFONCA, Eduardo (2018). A integração da cultura digital na educação como experiência metodológica inovadora no ensino das linguagens-impactos interdisciplinares. In: FOFONCA, Eduardo et al. *Metodologias pedagógicas inovadoras – contextos da educação básica e da educação superior*. Vol. 2, Curitiba, IFPR.

FRAUG-MEIGS, D. (2014). Transletamento: operar a transição digital e o domínio das culturas da informação. *Comunicação e educação*: Paris, ano XIX, n. 2.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Ed 34, São Paulo, Paz e Terra.

FREIRE, P. (1982). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GADOTTI, M.; ROMÃO J. E. (2011). *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez.

KAIESKI, N.; GRINGS, J., A.; FETTER, S. A. (2015). Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp. *Novas Tecnologias*. CINTED-URGSV.13, N.2.

Disponível em: file:///C:/Users/MALGARETE/Downloads/61411-252711-1-PB%20(1).pdf.
Acesso em: 10/04/2019.

KENSKI, V. M. (2008). Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. São Paulo, FEUSP.

LÉVY, P. (1999). Cibercultura. Rio de Janeiro, Editora 34.

LIMA JÚNIOR, A. S. (2005). Tecnologias inteligentes e educação: currículo hipertextual. Bahia, FUNDESTEF.

MORAES, D. R. S. (2016). A formação pedagógica no Parfor: tecendo diálogos interdisciplinares entre universidade e escola. UNIOESTE, Evangraf, Porto Alegre.

MORAN, J. M. (2005). Conhecimento humano: a diversidade e a não identidade. In: PRETTO, Nelson De Luca. Tecnologias e novas educações. Salvador, EDUFBA.

PRETTO, N. L. (2011). O desafio de educar na era digital: educações. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, Portugal, vol. 24, nº 1, p. 95-118.

PRETTO, N. L. (2013a). Reflexões: ativismo, redes sociais e educação. Salvador, EDUFBA.

PRETTO, N. L. (2013b). Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia. 8 ed. Salvador, EDUFBA.

PRETTO, N. L.; COSTA PINTO, C. (2006). Tecnologias e novas educações. Revista brasileira de Educação, UFBA, Salvador, v. 1, n. 3.

PRIMO, A. (org.) (2013). Interações em rede. Porto alegre, Ed. Sulina.

ROJO, R. H. R (2011). Pedagogia dos multiletramentos :diversidade cultural e de linguagem na escola. In: Multiletramentos na escola (Orgs) ROJO, R.H.R.; MOURA, E. Parábola Editorial: São Paulo, p. 27.

SANTAELLA, L. (2007). Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo, Paulus.

SOUZA, J. L. de A.; ARAÚJO, D. C.; PAULA, D. A. (2015). Mídia Social *WhatsApp*:: uma análise sobre as interações sociais. Revista Altegor, 2 ed. (ECA-USP), ano 6, v. 1, São Paulo.

THOMPSON, J. B (2011). A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 12 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, pp. 71-72.